

CRÍTICA/DANÇA

Grupo Corpo tira o fôlego da platéia com o arrebatamento e a permissividade de 'Lecuona'

ROBERTO PEREIRA

Há cerca de 20 anos, o coreógrafo residente do Grupo Corpo Rodrigo Pederneiras apaixonou-se perdidamente pelas passionais canções do cubano Ernesto Lecuona (1895-1963). Desde então, sempre sonhou em coreografá-las. O resultado dessa paixão avassaladora pode ser visto neste fim de semana, no espetáculo de sua companhia que estréia hoje, no Teatro Municipal, às 20h, cujo título traz simplesmente o nome do compositor.

Como não poderia deixar de ser, a qualidade que permeia *Lecuona* é a da paixão. E como toda paixão nunca pede licença para chegar, esse espetáculo traz consigo a impetuosidade do arrebatamento e da permissividade, a começar pelo fato de romper com uma tradição do Corpo, que há 12 anos se utiliza apenas de trilhas sonoras especialmente compostas para o grupo. É claro que esse fato chama a atenção para quem acompanha a carreira



'LECUONA', que estréia no Municipal: 'pas-de-deux' inspirados em canções do cubano Ernesto Lecuona

da companhia, porque há que se permitir ouvir um outro som e, ainda mais intrigante, ver um outro movimento que não aquele que vem sendo construído como vocabulário de Pederneiras.

Doze *pas-de-deux* em 12 canções se justapõem numa cena

delimitada apenas pela luz: um quadrado no chão sugere uma pista de dança. Sim, uma pista de dança na qual casais recuperam situações amorosas através de coreografias que se permitem trafegar entre a própria dança de salão, além de deixar vazar, inevitavelmente,

aqui e ali, a assinatura do coreógrafo.

Apenas no final, todos os casais dançam juntos uma valsa, e apenas aí um cenário é utilizado, trazido num momento em que toda a platéia, já quase sem fôlego, é surpreendida por espelhos e bailarinas trajando

vestidos brancos esvoaçantes. Tudo é um suspiro, um rodopio, uma vertigem.

Não há como não lembrar da já clássica obra de Twyla Tharp, *Nine Sinatra songs*, de 1982. Utilizando-se de oito canções de Frank Sinatra, a coreógrafa americana justapõe casais que representam situações amorosas muito parecidas (inclusive com figurinos semelhantes). Ao final, também todos os casais entram em cena

Espetáculo rompe com a tradição das trilhas sonoras próprias

juntos, ao som de *My way*, e globos de espelhos descem do teto. Se não há como não se lembrar, não há também como

dar de ombros e apenas dizer consigo, baixinho: "ah, tudo bem..."

Lecuona é permissivo. Permite quebrar uma tradição da companhia, permite (re)experimentar movimentos, permite lembrar de Twyla Tharp. Um pacto é estabelecido logo no primeiro momento, no primeiro *pas-de-deux*. À platéia, nada resta senão aceitar esse pacto. E, sucumbida, entender que é na qualidade da paixão, e de sua permissividade, que se deve assistir a esse novo espetáculo.